

IÇAR A VOZ CONTRA O VENTO

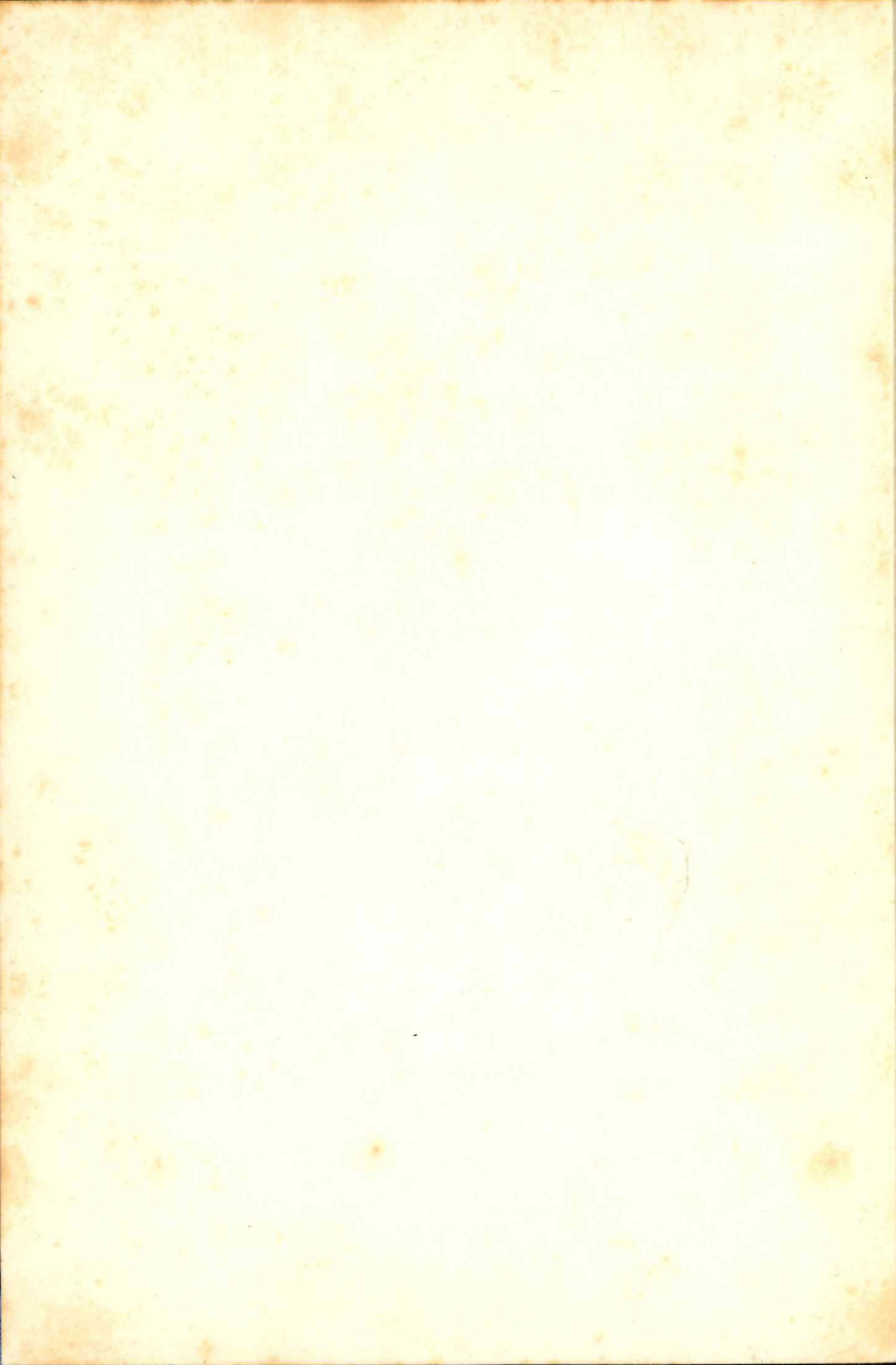
ANTOLOGIA DE POESIA JUVENIL

Seleccção e apresentação :

Mário Carvalho
Amílcar Carvalho
Fernando Pinheiro



34.3-1A/Z



Maria Glória
1949

İÇAR A VOZ
CONTRA O VENTO

Este livro foi composto e impresso na
Empresa Norte Editora
(A. C. Calafate, Herds., Lda.)
Póvoa de Varzim
em Março de 1979

Mário Carvalho
Amílcar Carvalho
Fernando Pinheiro

coligiram e apresentam

Legado
Prof. D. Maria Elsa Anjo
B.M.B.

IÇAR A VOZ CONTRA O VENTO

Antologia literária dos alunos
do Liceu de Barcelos



EDIÇÃO DOS ANTOLOGIADORES
77/78

Capa de :

Amílcar Carvalho

Pedidos a :

Liceu de Barcelos — 4750 BARCELOS

PEQUENO PREFÁCIO

Alguém disse que poesia é a melhor palavra no melhor lugar. Quer dizer, portanto, que para se fazer poesia não são necessárias muitas palavras, mas apenas as que melhor traduzam um sentir, um ver, um estar, um ir ou um vir. Feita a escolha da palavra útil (a poesia não pode comportar a palavra inútil) há que colocá-la no seu lugar próprio, para cumprir a função que lhe é destinada objectivamente (num poema toda a palavra deve-se explicar por si própria). Combinada assim a palavra, nasce então, simultaneamente com determinada estrutura formal, a mensagem poética concretizada através de um processo criativo, inédito, imprevisto. Não um processo banal, mais que comum, readivinhável por qualquer, mas original, a fazer-nos saltar para a frente num arraial de rigor, ritmo, força, beleza.

Torna-se importante fazer notar estas coisas, uma vez que a prática e a concepção de poesia continuam a andar teimosamente adulteradas na maneira de ver de muita gente: se para uns o poeta é vítima de uma inspiração particular, como se uma luz o iluminasse sem por ele ser acendida ou apagada; para outros o poeta é um predestinado, isto

é, está condenado a ser poeta mesmo que não queira, como se um veio de água passasse unicamente nele e não nos outros. Estas concepções são profundamente negadoras do verdadeiro poeta. O poeta não é um ser estranho, conduzido pela emoção, manietado pelas múltiplas circunstâncias em que vive, sem perspectiva eficaz, sem objectivo definido, sem domínio sobre o que codificou. Não é, porém, o poeta um ser intangível e déspota da sua vida interior: não morigera os sentimentos com um chicote, nem arrasta uma paixão pelos cabelos dela. O poeta equilibra-se numa caminhada por entre vectores antagónicos, tanto por dentro como por fora de si. Nunca naufraga no mar das suas emoções, nunca larga os freios dos cavalos do seu temperamento e na sua produção há-de assemelhar-se ao ferreiro que, suando, concede uma forma de arte às coisas que incandescem na forja do seu querer e do seu compreender.

A poesia criou-a o homem para vasar nas suas formas delicadas os mais nobres sentimentos, as grandes emoções, os gestos que valem uma vida. Dela se servem agora certos jovens, em idade de ir e vir, de ver, para fazerem a projecção singular das suas mundividências: pormenores breves de lampejos da afectividade, de emoções fugazes mas ardentes, de tomadas de posição e de consciência. Não é uma época de grandes planos, a adolescência, de abandono a grandes causas, mas uma época de surpreendente afirmação de corpos e personalidades. Eis porque sentem a poesia mais talhada a si próprios. A prosa parece-lhes mais plural, mais com-

pacta, de in comportável domínio para as suas virtualidades criadoras, ainda débeis, ainda à procura de um timbre pleno, duma casta pura, duma expressão forte e sã.

Pela poesia completam a sua permanente incomplitude, acrescentando um mais, eliminando um menos, em si e nos outros.

Pela poesia reconhecem-se aprendizes de uma arte espantosa, a arte de dizer bem o centro da nossa vida.

Pela poesia consciencializam-se dos mil olhos que ela tem e tudo vê: o que morre de indigestão e o que morre de fome; o que não sabe se há-de dormir num quarto virado a norte, se num quarto virado a sul e o que nunca dorme; os que compram e vendem o amor a granel e os que sofrem por se darem sem reservas e sem desníveis; os que montam a estratégia da exploração e os que lhe sofrem as consequências; os que devassam o mundo e os que o querem salvar.

Poesia é sempre um gesto de dar, mais que de receber. É o medir, o retalhar, o coser, o provar, o brunir do alfaiate. É o anular do egoísmo, capa de tantos, para dizermos presente à beira de todos. Um poema não vira a face da terra, mas a face da terra não se virará se muitos de nós não ararmos os peitos com as mentes e nele não deixarmos florir cem poemas.

Eles aqui estão, cem poemas nascidos de uma mesma sementeira, feita por rapazes e raparigas que amadurecem ao sol de um tempo sem ocaso.

Eles aqui estão, cem jovens com «um calor imenso no peito» revelando, com a sinceridade que lhes é própria, os seus estatutos morais e afectivos.

Eles aqui estão, um pouco aflitos, mostrando os seus trabalhos com a simplicidade de quem colhe «uma flor num dia de verão».

Eles aqui estão, urgentes, a desenharem a «linha do horizonte» porque «todo o bem está no amor».

FERNANDO PINHEIRO

I — O REAL E O IMAGINÁRIO

...e tudo era imaginariamente real.

Todo o bem está no amor
no amor à liberdade
como um cravo vermelho
liberto numa sociedade.

ANTÓNIO BARROS

15 anos

DA ALDEIA À CIDADE

O dia estava sem tréguas. O sol arregaçava as mãos e a gente escaldava em suor. O destino era bem longínquo.

Enfio os sapatos, a roupa e toca a andar.

Vou caminhando lentamente, pois quero ver as pessoas da minha terra. Simples e humildes lá iam trabalhando no campo, nas casas, enfim, nos seus ofícios. Água salgada corria-lhes dos tão limpos e açucarados corpos.

Ando, ando e chego, por fim, à cidade, onde tudo se moderniza e mortifica.

Não vejo o seu fim. São pessoas complexas, aterradas, sem vida que mostre algum valor.

O tracejado do caminho apaga-se e não vejo para onde vou. Dou uma volta pela cidade e as pessoas estão corruptas!

Não sei que fazer. Matá-las? Não, isso não. Não tenho vontade nem força. A minha viagem foi ver aqueles que vão morrer e aqueles que vão viver.

Não vou fazer nada porque o dilúvio foi total. Não quero que o meu carro traga o mal e, por isso, regresso a pé eliminando todo o mal e todos os defeitos.

Viagem morta, mas esperança renascida, foi o
que consegui.

ANTÓNIO FILIPE

17 anos

Caminhava
Sobre os raios de sol
Acompanhando os passos das vagas
Pisava nuvens de solidão
Feria lágrimas de amor
Içava a voz contra o vento
Gritando um hino de ódio
Que se perdia na brisa da dor.

ISABEL P. SILVA

16 anos

Indo eu pela estrada
com passo incerto e cansado
passa por mim um carro
muito belo e apressado.

E eu ali na estrada
quase morto de cansaço
tive inveja daquele carro
que ia depressa e a bom passo.

A poeira bateu-me na cara
e não consegui ver
a travagem brusca do carro
que num garoto foi bater.

Por isso pensei para mim
que mais vale
devagar e cansado
do que belo e apressado.

ANÍBAL FERREIRA

13 anos

Estava ali a jogar à bola
no campo de futebol
Escorreguei e caí
e logo vi outro Sol.
Com a cabeça bati
de força na pedra dura
e alguns tipos aflitos
julgavam que eu não tinha cura.

Alguns puseram-se a rir
talvez fosse sem querer
outros não vinham olhar
só com medo de me ver.

Julguei que era um pássaro
queria aprender a voar
mas o meu voo foi curto
e cá baixo vim parar.

Minha irmã quando me viu
veio logo a correr
e disse-me muito aflita:
— Chegando a casa vais ver!

E subi eu as escadas
e queria ir devagar
mas tinha que ir lá acima
a ferida desinfectar.

E quando me deitaram álcool
sem um sopro atirar
caramba que isto arde
e comecei a saltar.

E eles até se riram
isso a mim não me apetecia
aquilo cheio de pó
ó caramba, como ardia!

JOSÉ ANTÓNIO LINHARES

13 anos

Sonhar é passagem de ligeiras vagas
É o que acontece
quando tens entre os dedos
os cabelos loiros que afagas
É o rodar constante de cenas e momentos confusos
Sonho com coisas belas
Com vinagre e aguarelas
Sonho com parafusos.

AMÍLCAR CARVALHO

15 anos

O meu barco navega
nas altas ondas furiosas
Meus olhos semicerrados
contemplam as gaivotas
Teus cabelos são oiro
minha alma é fogo
fogo que desvanece e destrói
Tudo isto eu sou, fui, e serei
E nenhum outro caminho seguirei.

DEOLINDA IRENE

15 anos

LIBERDADE

Liberdade é um barco
uma vitória é uma vela que se içe
Liberdade é imensidão é mar
é vontade de acabar com a injustiça.

Na vida a liberdade é um marco
que é preciso alcançar.

A opressão era um mal que eu sabia
um atraso no tempo, uma palavra vazia.

AMÍLCAR CARVALHO

15 anos

DESTRUIÇÃO

Criança brincando nua
junto de uma colmeia
Barcos de papel à deriva no esgoto
Retrete cheia!
Cabelos ruivos ao vento
da mãe grávida à porta
olhando a filha que lhe pende dos braços...
...MORTA!!!

AMÍLCAR CARVALHO

15 anos

Sou...!

Eu sou o álcool
que corre nas veias
duma memória esquecida.

Todos gostam de mim.

Eu sou aquele
que faz zaragatas
levo as pessoas ao mais baixo dos baixos.

Pensando que eu esqueço
aquilo que elas não conseguem esquecer.

Afogo quem me procura
como a corrente dum rio
levando uma folha solitária.

Corro nas veias de quem cá anda
não nas de quem p'ra lá vai.

Tudo... tudo por minha causa,
e ainda ninguém se lembrou
que sem mim tudo é fácil.

CARLOS GOMES

17 anos

No barco vão ele e ela
não os conheço
não sei quem são
Só sei que era um barco à vela
Rio acima eles vão
Foi de repente
deu-se a tragédia
O vento mais forte
o barco virou-se
Bem pensei que fosse uma comédia
Mas não:
— Ela morreu
e ele salvou-se.

FLÁVIA AMARAL

16 anos

A água é como o ruído do vento
aquele que corre no meu pensamento
Ele corre sem piedade
e acaba com o que nos provoca saudade.

O vento é uma criança
que dança sobre o mar
O vento é uma criança
e põe-se a brincar.

ANTÓNIO AUGUSTO

13 anos

Uma lavadeira...
Uma lavadeira lava
mas tudo se suja.
No meu pensamento
também tudo se lava
mas tudo se volta a sujar
por momentos, horas, dias.
Tudo se lava até certo ponto
mas logo tudo se volta a sujar novamente.

Remo, torço, mas o meu ser
continua triste
um pensamento permanece
alheio a esta sociedade cruel e injusta.
Mas tudo se lava e tudo se suja...

LUCÍLIA LOURENÇO

15 anos

De longe a longe
lá no horizonte
há uma estrela
uma estrela que brilha.
Ela és tu meu amor
que me iluminas
e me dás coragem.

Olho pró céu
queria estar aí
És muito bela
e eu gosto de ti
minha estrela
como eu te amo
assim ó estrela
me ames a mim.

Chamam-me tolo
porque eu te amo
Mas ó estrela
que hei-de eu amar?
estrela do céu
que brilhas no alto
luta por mim
que eu luto por ti.

Minha estrelinha
como eu te amo
sempre te amei
e sempre te amarei
e que sou eu para ti?
que serei eu sem ti?

Sou aquele homem
que vive sozinho.

Mas unido contigo
nunca ninguém nos vencerá.

JOSÉ ANTÓNIO LINHARES

13 anos

Ouço os meus passos correndo
como uma melodia
ora rindo, ora chorando
bago de lágrimas que me chega ao coração
sem me deixar emoção
Vida é como a morte que não canta.

ANTERO MARINHO

14 anos

27

C. M. B.
BIBLIOTECA

2 — A MORTE E A VIDA

**Está morto vivendo, aquele que
vive morrendo.**

ACORDAR

Sou violentado pela vida
no meu direito de homem
perdi o direito à existência
em proveito dos que o comem.

Sou violentado pelo homem
no meu direito à vida
enquanto todos se vão
não sei onde é a minha ida.

Ando à deriva na vida
não tenho sítio nem chão
e com a vida partida
resta-me o coração.

Sim, resta-me o coração
e com ele hei-de amar
digo não à divisão
começando a cantar.

Gritamos não à divisão
já estamos a cantar
lutamos pela razão
e ninguém nos vai matar.

Fui violentado pela vida
porque estava sozinho
agora sou livre e amo
já conheço o meu caminho.

AMÍLCAR CARVALHO

15 anos

Eu sou como o barco
a baloiçar nas águas do rio ou do mar
que um dia de tanto baloiçar
vira sem contar.

LUCINDA MANUELA

14 anos

Ó nuvem pousa sobre mim
e leva-me no teu colo
pois eu sou uma criança, assim...
nua! no mundo onde moro.

Chuva!...
Ó chuva não me destruas
pois eu sou o pó
que o homem pisa nas ruas.
Por eu ser assim tão só
quero que não me destruas.

ANTERO BRITO

17 anos

1

Recordas-te daquele dia
em que o sol era verde
e as árvores cor de luar?
Do dia que tudo fizeste
só para poder amar?
Não, não te deves recordar
pois tudo que é assim
não tem lugar para ficar.

2

Aquela criança pediu amor
ouvi que alguém lhe disse não
Fiquei triste!
E depois de pensar...
vi também que não tinha amor para lhe dar
Mas fui colher uma rosa
e coloquei-a no seu coração.

TERESA DUARTE

17 anos

VISITA A UM POBRE

Numa aldeia velha, desamparada de todas as outras, vivia um homem meu conhecido que se chamava Augusto.

Este homem fraco e delicado, de barba crescida, completava nesse dia noventa anos. Eu mais o meu irmão, que acabava de chegar da Inglaterra, fomos visitá-lo.

Encontrava-se ele numa casa arruinada, que baloiçava com o vento. O telhado parecia ir pelos ares.

Este homem ainda sorridente, compassivo de quem tem esperança em viver mais uns anos, alegrou-se ao dar com os olhos em nós.

Então o meu irmão entregou-lhe uma certa quantia em dinheiro, a quem ele ficou muito agradecido.

Esse agradecimento tornou-se uma fonte de lágrimas pingantes pela barba crescida.

Despedimo-nos, viemos embora.

Ficou o mendigo acenando à única janela que na sua casa existia.

ADÉLIO FERREIRA

16 anos

Neste mundo de brinquedos
toda a gente
vive sem parar
Brinquedos de alegria e tristeza
gente de pedra e pau
gente de todas as cores
brinca, neste mundo de brinquedos.

ANTÔNIO HORÁCIO

19 anos

1.

Penso

Penso como um pássaro selvagem
preso numa gaiola dourada.

Já não canto como dantes.

Fico triste, à espera da liberdade.

Como pássaro selvagem.

Já não como, já não bebo, já não vejo.

E fico à espera que a morte me traga a liberdade.

2.

São cinco horas da tarde
o sol refugia-se no horizonte.

São cinco horas da tarde
o céu negro como a morte
abraça o alto muro.

São cinco horas da tarde
um punhado do alto muro
sobre a terra cai.

São cinco horas da tarde
é um irmão nosso
que deste mundo se vai.

RUI MANUEL

19 anos

MENINOS DA RUA

Meninos da rua
que tristes coitados
Meninos da rua
de pés arrochados.

Meninos das chuvas
Meninos dos ventos
com uma vida
cheia de tormentos.

Vão pedir trabalho
respondem-lhes não
porque são meninos
que vivem como um cão.

Recusam-lhe trabalho
vão pedinchar
recusam-lhes esmolas
começam a roubar.

Começam a roubar
porque querem comer
mas andam sempre a pensar
«que nos irá acontecer»!

São meninos espertos
São meninos acessíveis
mas para muitas pessoas
são seres desprezíveis.

Mas culpada é a sociedade
pois eles fazem-se homens
sem conhecerem a igualdade.

E de hoje em diante
tudo vamos fazer
para estes meninos
poderem viver.

ANÍBAL FERREIRA

13 anos

O meu coração bate
como um homem que bate
bate que bate
bate a uma porta.

Eu ando nos caminhos
sinuosos da esperança
Os meus pés são o veículo
que me levam onde quero.

Neste emaranhado que tenho
de cordas entrelaçadas
dou duas grandes passadas
como quem bate nas estradas.

Nestas estradas que vi
nestes livros que li
anda um homem comendo
à custa dos que estão sofrendo.

Alguém que hoje morreu
que eu nunca pude ver
Era como uma flor
plantada na areia.

Eu ando dentro de mim
como quem planta uma flor
Quando me canso, descanso
e só viverei quando morrer.

HENRIQUE CORREIA

15 anos

Olhei-me
No azul das águas do rio
Vi...
O sorriso amargo que se afogava no meu rosto.
Copiei...
O bordado do teu vestido
Tecido a peixes e lodo
Cantei...
Os sons daninhos dos teus poemas
Bebi...
A tua solidão e segredos
Quando pousei os olhos no seio do teu vazio
Chorei...
As lágrimas que te consolaram
A solidão que por acaso
Um dia te pertenceu...

MARIA ISABEL DA SILVA

16 anos

Se um dia eu pudesse viver
No vazio da destruição
Se um dia eu pudesse gritava
O hino da solidão.

Ah! Se eu pudesse voar...
Na fantasia do futuro
Cantava a voz dum poeta
Neste universo obscuro.

Libertava o que tenho entre grades
Num cofre de sangue e dor
O muito do pouco que diz
Que liberdade é amor...

Ah! Se eu pudesse sonhar...
Transpunha a barreira da dor
Mordia a parede da vida
Pintava a vida sem cor.

Esculpia, gravava e tecia
Na memória de um hino
A vida, a paz, o amor
Do meu peito pequenino.

Ah! Se um dia pudesse
Abrir os olhos à ilusão
Viver nas vozes daninhas
Caminhar na escuridão.

Ah! Se eu pudesse
Regressar ao ventre da minha mãe

Trazia-vos provas de que
O mundo não gerou alguém.

MARIA ISABEL DA SILVA

16 anos

Hálito frio
vindo do seio da terra
Seara dissipada
no meio duma serra
Porque serias semeada
nesse local
onde a tua dor
não pára de deplorar?
Porque não te deram condições
onde pudesses germinar?
Não, não podes continuar
gelada no meio
dessas árvores encerradas
onde nem um único raio de sol
pode entrar.
Tens que vir conhecer o mundo
tens que saber que para além do frio
há calor
há liberdade
e amor profundo
Há alguém que chora por ti
sem saberes
Há o desejo
de quererem ensinar-te
qual é a cor da verdade
e de te darem a conhecer
qual a razão
porque te atiraram para aí
Sim
um dia será feito só para ti
terá mais que vinte e quatro horas
porque vai demorar muito a fazer a tua deslocação

Mas não importa
porque para além de nós
ninguém mais vai conhecer
o que pretendo fazer
Depois
quando te virem crescer
no meio de papoilas doiradas
Quando te virem
com milhões de grãos azuis
perguntarão admirados:
Mas porquê? Porquê? Porquê?
E então sorrirás
sem dizeres nada
saberás como é belo
amar e ser amada
Verás que és diferente
de todas as outras searas
que no início eram melhores
mas que agora estão estagnadas
E nunca esquecerás os sacrifícios feitos
para te libertares
dessa tão grande sujeição
Depois criaremos um mundo novo
com árvores de todas as cores
Inventaremos canções
que não recordem dores
E a nossa felicidade
será eterna
sem que os homens a possam derrotar.

TERESA DUARTE

17 anos

3 — A MINHA DEFESA

Quantos inocentes são culpados
pela tua própria defesa.

Agora, já com certa idade vou contar um episódio da minha juventude. Lutava eu pela libertação e dignificação do homem.

Eu e um grupo de colegas fomos levados a tribunal por andarmos a «escandalizar» a sociedade com as nossas ideias malucas.

No tribunal estavam muitos jovens a assistir, que tinham as mesmas idades que eu.

O juiz — um homem austero e embirrento — perguntou:

— Que idade tens?

— Tenho dezoito anos — respondi.

— Dezoito anos andam nas ruas a fazer disparates? A menina devia estar muito contente com a sociedade que tem. Agora que não há guerra e todos somos como irmãos...

— Sim, agora não há guerra, mas há desigualdade entre os homens. Enquanto uns têm tudo outros não têm nada. E já que somos todos irmãos, porque é que existe o racismo? Porque é que existe a prostituição?

Temos que nos tornar irmãos a sério uns dos outros e acabar com a prostituição, com o racismo, repartir as riquezas de uns para os outros, para acabarmos com a fome, com o desemprego e com a miséria.

Tentemos pois ser irmãos Sr. Dr. Juiz!

E agora que sou mais velha, e vejo que a sociedade está cada vez mais podre, tenho pena dos homens e de não ser sempre jovem.

MARIA ANGELINA

15 anos

Eu sou o lixo da vida
nesta sociedade corrupta
eu sou a dor que transita
no sangue do povo que grita.

Eu sou aquela que sente
necessidade de amar alguém
eu sou aquela que luta
pelo bem do seu irmão

Eu sou a espera da vida
no ventre da minha mãe
eu sou a futura amiga
de alguém que sofra demais.

Eu sou aquela que ri
eu sou aquela que chora
eu sou aquela que vive
do desespero e da demora.

Eu sou o farrapo humano
que se refugia na solidão
eu sou a esperança perdida
vivendo da frustração.

MARIA OLINDA

17 anos

Estou admirado comigo mesmo
numa hora em que escrevo
e o que escrevo nada vale
Mas ainda assim eu me atrevo
a exprimir a dor que não sinto
através de palavras douradas
que pressinto.
Mas douradas são as cores
que significam o romanesco
A raiva que eu sinto
ao não ter dor
Não. Eu não sinto raiva
eu tenho dor de sentir
que eu tenho raiva da dor
que afinal eu tenho.

MÁRIO CARVALHO

14 anos

(Num país onde os direitos do homem não contam...)

— «Eh... tu lá! Quando é que apareces à reunião?»

— Oh pá cuidado! Não sei quando é...

— É na terça-feira. Vens?

— Vou mas diz à malta que se acautele, Ok?

— Ok, Ok...

Quando na terça fui à reunião, descobriram que haviam mais de dez pessoas agrupadas. No momento em que as autoridades fascistas se iam aproximando de nós, todos fugiram, só fiquei eu, pois estava já farta de fugir, farta de não poder expor as minhas ideias à sociedade, mostrar-lhes que erram.

Então deixei-me prender. Fui levada a tribunal.
(No tribunal):

— Senhor juiz, estou aqui, porque acho que não é justo que a liberdade de pensamento seja enterada e derrubada pelas forças das autoridades fascistas. O povo tem que viver em liberdade, pois o homem nasceu igualmente «vestido» com as mesmas leis naturais...

— Calma! E quem é que diz que o homem não é respeitado na nossa sociedade? — Adverte o juiz.

— Pois bem senhor juiz, fique sabendo que de qualquer maneira, mais tarde ou mais cedo, a democracia e os direitos do homem hão-de vencer, através das armas da liberdade.

— Viva a liberdade! Viva! Viva!

(A sentença é dada):

— Condenada! — grita o juiz.

— Não será com a prisão de uma pessoa que a voz da liberdade será enterrada. Outros hão-de continuar!!!

MARIA AMÉLIA MAIA

15 anos

Defesa apresentada por António Pereira de Oliveira, em tribunal, quando do seu julgamento por defender «Os Direitos Fundamentais do Homem».

«O sol frouxo penetrava por entre as grades, fazendo-me lembrar o terrível dia que passara.

Tento lembrar-me mas violenta coronhada me prosta de novo.

Acordei no tribunal quando já só faltava que eu fizesse a minha defesa, para que fosse lida a sentença.

Cambaleante ainda, comecei a fazer a defesa, sabendo de antemão que, independentemente dela, a sentença já estava definida; era só para cumprir a praxe.

— Meus senhores, minhas senhoras, Sr. Dr. Juiz, — só então me dei conta que devia ter começado pelo juiz, mas continuei: — todos devem saber porque motivo estou aqui: por discordar dos processos de repressão utilizados pela polícia portuguesa e com o consentimento do governo.

Continuamos a suportar o desrespeito pelos direitos fundamentais do homem.

Como viram, nem sequer assisti ao meu julgamento porque estive adormecido em consequência de ter sido agredido violentamente.

Assim tive oportunidade de constatar por mim mesmo esta falta que o Sr. Dr. Juiz, e não só, continua a negar.

De repente levanta-se o Juiz e...

— Levem este homem, pois insultou este tribunal, o governo e todas as autoridades deste país.

Era interrompido pelo juiz que brutalmente me retirava a palavra, não me dando sequer hipótese de completar a defesa».

ANTÓNIO OLIVEIRA

15 anos

4 — POEMAS AO RIO CÁVADO

O que mais admiro no rio
é a sua contínua mudança
e o seu constante cenário.

Ó rio que estás chorando
estou a ver tuas lágrimas correr
da rocha que abre gritando
Quero ver! Quero ver!

Tu ó rio que és humilde
como os páсарos do céu
No teu leito vão lágrimas
do meu rancor colhido
no luar da noite humedecido.

Ó amieiro meu companheiro
não me deixes ficar só
pois tu és como o moinho
sempre acompanhado da mó.

Não te quero pisar o rosto
ó rio meu irmão
dá-me a saudade dos teus olhos
e tira a mágoa do meu coração.

As tuas pétalas são verdes
o teu rosto encanta-me
és um deserto de eco
para as horas do meu degredo.

Ó rio passa pelos meus lábios
e dá-me a tua frescura
Estou cheio desta vida
da saudade tão obscura.

Ó tempestade marinha
deixa-me passar além-mar
sinto uma rocha mesquinha
no meu peito a balouçar.

Meu amor as tuas palavras
são pólen no meu coração
Tiras-me o gosto amargo do bolor
Num pedaço de pão.

Estou junto de ti
o teu rosto é algodão
de lágrimas que eu senti.

Estou despido!
não tenho medo de ir p'rá rua
a noite é uma criança de vestido
na terra maldita e nua.

Lá ao longe a névoa resplandece
o dia tarda! E a noite cai!
Perco o meu pensamento no estremecer
Dum poema que aqui vai.

Ó mundo que és ruína de sangue
fizeste-me perder no além
No homem nasceu o mal
e na natureza nasceu o bem.

Os meus dias são cadáveres
que correm no solo

Sinto o eco na minha sepultura
de dias magros de felicidade.

És tu homem, sensível como uma rocha
espera que é de esperar
não deixes que te pisem a alma
no cimento da rua por onde hás-de passar.

ANTERO BRITO

17 anos

Eu sou
Eu sou uma trepadeira
que trepa,trepa, sem trepar,
como uma sociedade que ama sem amar.

Eu sou
Eu sou uma ribeira escura
como uma estrela sem saber
que esmaga a terra sem querer.

Eu sou
Eu sou uma praia de gente
um arvoredos no deserto
sou o filho da loucura.

Quem serei eu
Serei o filho da primavera
num planeta verdejante?

ANTÓNIO BARROS

15 anos

Rio! Entra no meu corpo
Quero que vás lavar-me o pensamento
para ver o mundo puro e livre
Como tu és.
Tu que és o lar de muitos seres
que sabes governá-los com sabedoria
ensina-me os teus segredos
para salvar a terra.

ANÍBAL FERREIRA

13 anos

Eu sou a água do rio
por onde passa
mísere inferme farrapo
triste e desprezado
deste mundo desumano.

Passa a espuma sólida
da lavadeira desprezível
porque suas mãos lavou
uma camisa invisível.

E por mim passa
toda esta solidão
de quem nós
todos somos irmãos.

ISABEL TENDEIRO

14 anos

Para quê tantas lágrimas
tu que és escravo
das pedras e da areia
Sim, porque te lamentas?

Tu que percorres
mundos infinitos
e trovejas sem cessar?

O teu mundo é irreal
As pedras fronteiriças
que te cessam o caminho
talvez queiram que as oiças.

Se algum dia secares
Aí, sim!
Já não te lamentas
jamais serás escravo!

TERESA SILVA

16 anos

indo eu pelo rio abaixo
à procura de peixinhos
encontrei uma alga
carregadinha de flores

deitei-me ao lado dela
para o sol não me crestar
era meio dia em ponto
uma rã ouvi coaxar

ó rã que bem que cantas
onde aprendeste a cantar?
na gruta da rainha
onde o rei vai buscar
flores amarelas cheias de oiro
para a princesa brincar

MARIA MANUELA ALVES

14 anos

nesta só azenha
florindo ruínas bravas
oiço no claro rumor dos salgueiros
o memorável cântico do moleiro insondável
elevando-se numa serenata de líquidas guitarras

a água cai
nas calhas do açude
e a mó pesada do tempo
que gira pela força do teu pensamento
tritura os grãos da nossa mágoa
para que uma farinha de espuma
se funda no fermento
da nossa dor

o rio é um forno
onde coze o pão
do nosso amor

FERNANDO PINHEIRO

28 anos — Professor

5 — O SENTIMENTO E A NATUREZA

Só sentimos a falta da natureza
quando a natureza já não sentimos.

Rio...

Tu que escutas os segredos sonoros
que muitos lábios deixaram esquecido no teu ventre
Tu!

que tudo aceitas e nada nos
revelas!

Das tuas águas vibram
sons trémulos, suspiradas mágoas...

Mágoas amargas entre as tuas águas cristalinas.

Tu que evocas em canções, blasfémias e mágoas

Rochas nuas... árvores silenciosas

soluços ao luar, choros ao vento...

Bocas murmurejantes de lamentos

à procura de um caminho...

Anseio dos momentos mais saudosos.

Quantos lá choram no deserto do teu silêncio...

gemidos, prantos que no espaço morrem.

E, no silêncio da Imensidade

bocas murmuram.

Todo o eterno murmúrio das vagas

vai lavando as tristezas dos rostos melancólicos.

Porque tudo suportas, rio

o sol irradia-te

e reflecte estrelas mágicas

que florescem nas tuas águas...

Os peixes que te envolvem

são teus filhos?

Vives sempre agitado

pensando no teu refúgio

através da frescura

e da serenidade.

ASCENÇÃO FARIA

17 anos

Tu
lírio encarnado
âmago
do meu jardim
que floresces
e perfumas
tudo
o que existe em mim
Tu
verdade eterna
segredo profundo
que queria desvendar
mas tenho medo
e vergonha
do mundo.

TERESA DUARTE

17 anos

Sou como as ruínas da azenha
pensando num passado alegre e trabalhoso.

Azenha velha onde dormem ruínas
que fazem lembrar alegrias e tristezas
do passado longínquo.

Muita gente pensa
que eu nada valho
mas valho a penumbra do passado
que só eu consigo recordar.

Pedras gastas pelo tempo
porque ele não é suspenso
como a água sem futuro
que cai no açude.

CARLOS MIRANDA

13 anos

Eu sou como uma árvore
que se agita como o vento
um vento profundo
que vem sempre
em cada momento.

Eu gosto do chilrear
de um pássaro a cantar
canta, canta
sem parar
numa melodia
apressada.

Eu sou como uma gaivota
que baila a cantar
baila, baila
nas águas
do mar.

Eu sou como as águas do rio
que correm sem parar
como o sangue
dentro de mim
que não pára
de circular.

GLÓRIA FERREIRA

13 anos

Eu sou a flor
num dia de verão
mostrando o amor
aos que vivem na desunião.

Eu sou o rio
que corre para o mar
tremendo de frio
com sede de amar.

Eu sou a ave
que dança no ar
parece uma nave
que está para afundar.

EMÍLIA FALCÃO

15 anos

Eu sou a água da ribeira
que corre sem destino
Eu sou a flor que desabrocha
da chuva e do sol
Eu sou ser que hoje vive
e não sabe se amanhã viverá.

Eu sou estrela que brilha
na escuridão da noite
Quem me dera ser
uma andorinha livre
que voasse entre os homens
espalhando paz e liberdade
Quem me dera ser uma ventania forte
que arrancasse o ódio
de todos os homens da terra.

GORETTI MIRANDA

15 anos

Eu sou
uma lágrima caindo do rosto de uma criança
o rosto marcado de uma mãe
e a cara enrugada de um velho.

Eu sou
uma flor murcha num jardim
um objecto abandonado
uma pedra atirada a um mendigo.

Eu sou
um sonho esquecido num cérebro humano
um ser desesperado
uma viagem sem nunca ter fim.

Eu sou
uma voz louca gritando à solidão
a natureza outrora limpa
uma mão estendida pedindo pão.

IRENE DE SOUSA

16 anos

Ao longe, sozinho na rua
vem um vagabundo
Não tem ninguém à espera
vem em busca de um novo mundo.

Seu abrigo é qualquer lugar
Dorme sobre o chão duro
porque nunca teve lar.

Assim é a vida de um vagabundo
sempre triste e desolado
está só no mundo
porque não tem ninguém a seu lado.

IRENE DE SOUSA

16 anos

AMANHECER

O sol está a florir
olho as árvores maduras
o sol não me quer sorrir.

Amanhece a noite fria
no anoitecer de frescura clara
que pertence a quem envia
rosas negras, cravos cinzentos
e perfuma pensamentos.

Não, não é amanhecer
o sol não está a florir
está talvez a anoitecer
o sol não me quer sorrir.

MÁRIO CARVALHO

15 anos

Sinto-me só.

Sinto um calor imenso no peito

Não sei se sinto, se minto.

Não, eu sinto, que para mentir não tenho jeito.

Sinto-me pó.

Sinto-me ao lado do tempo

da existência, da verdade

Vivo somente as mentiras que alimento

Sinto por vezes saudade

mas a solidão e o vento enchem-me o peito

de vazio e de vontade

para construir a minha própria liberdade.

AMÍLCAR CARVALHO

15 anos

Só!

Desde o raiar da aurora
sentada nesta rocha nua
vazia entre penhascos
estão meus olhos contemplando aves que cantam
gaivotas vivendo ânsias sucessivas
trazendo doces saudades...
fontes que murmuram...
tenras flores que crescem...
o doce respirar do vento brando
que vem quebrar esta solidão
levando a mágoa triste que o meu peito sente!
E ali, naquele canto uma ave chora ilusões perdidas
como uma criança banhada em prantos...
Daquela rocha murmurando
o rio
leva gotas de mágoa
negras imagens, pensamentos tristes
doces saudades
traições... raivas... ódios
Sim. Tudo isto ele arrasta
para o seu leito.

ASCENÇÃO FARIA

17 anos

A água cai das pedras
e rega os campos do lavrador.
O lavrador gosta da água porque sabe
que ela mata a sede a quem tem sede.

LUCINDA MANUELA

14 anos

Eu sou a bola de sabão
Que se desfaz com a corrente
Eu sou a dor infinita
Que muita gente sente.

Eu sou a torre do infinito
Eu sou a linha do horizonte
Eu sou a vida que passa
No caminho de cada monte.

Eu sou o vento, o sol, a luz
Eu sou o infinito espaço
Eu vivo pela liberdade que seduz
A criança no regaço.

Eu sou a árvore do rio
Eu sou o lixo que a água transporta
Eu sou o pedaço de vida
Que existe numa criança morta.

Crescida no meio do mato
Eu sou a erva rasteira
Eu sou o alimento do sapo
Eu sou o fogo duma lareira.

Eu sou o trovão do deserto
Eu sou a nuvem da atmosfera
Eu sou o fruto dum feto
O que eu sou é o que eu era.

ALZIRA FARIA

17 anos

Eu sou a chuva que cai
Na terra sólida e dura
Eu sou o vento que vai
Vai parar à sepultura.

Eu sou a terra pisada
Pisada por toda a gente
Eu sou como o forte trovão
Quando abro a minha mente.

ROSALINA RAMOS

15 anos

Eu sou o fogo
um fogo ardente
que queima e destrói
o coração de muita gente.

Eu sou a água
que passa correndo apressada
com o destino escrito
na sua face prateada.

Eu sou um pássaro que passa voando
deixando suspenso um grito de alegria
como que anunciando um novo dia.

Eu sou uma flor
florindo ao sol
que desabrocha em amor
quando encontra um caracol.

Eu sou uma sereia
perdida no mar
no meio das algas
sempre, sempre a chorar.

PRAZERES CARVALHO

15 anos

eu sou como as árvores do rio
sempre alegres e contentes
muito verdinhas e sorridentes

um pássaro canta
no ramo de uma árvore
e a árvore com um sorriso
diz-lhe: bom-dia!

MARIA MANUELA ALVES

14 anos

Eu sou como a gaivota
que voa, voa sem parar
mas com a certeza
que não caio no mar.

Eu sou como a água do rio
que corre na incerteza
de parar no mar
ou numa represa.

A água do rio cai no açude
com esta melodia
é como um pássaro
que canta todo o dia.

NUNO MARTINS

15 anos

6 — A IDEIA E O MUNDO

Temos um mundo de ideias
quando na base das ideias está o mundo.

1.

MENDIGO

Faz-me pena ver gente sofrer
não ter comida nem tempo para viver
Fazes-me pena mendigo.
Tu que tens cabelos cor de saber
Tu que alimentas tua vida com cascas e pó
Só porque és baixo no poder
Tu que encapas tua miséria cantando
Sim, és grande para mim.
«Eles» te ofenderam mendigo
Te açoitaram e roubaram a tua vida
mastigaram-te até caíres de podre
e deixaram a lama para te vestires.
Só porque és baixo no poder
Mas és grande para mim.

2.

CORREGEDOR

Não julgues ninguém. Antes de julgares
lembra-te da prudência
Senão
mais tarde a consciência te dirá
que farias o mesmo desse alguém
se desse alguém tomasse o lugar.

JORGE VALDEMIRO

18 anos

Corre água do rio
para o meu coração
como corre o meu sangue
para o chão
Meninos da rua passam
vêm-me a chorar
mas nem me estendem a mão
para eu dar um passo em frente
e saudar o meu irmão.

CARLOS J. SILVA

14 anos

ESTOU CANSADO

Estou cansado de ver o mundo
estou cansado de ser realista
ver o homem num ser imundo
subjugado por um ser capitalista.

Estou cansado de abrir os olhos e ver fome
estou cansado de dormir com pesadelos
Ver um homem que não come
é ter fome de acabar com isto.

Estou cansado de ser um ser humano
estou cansado de gozar a vida amarga.

No meio de carga, sou carga
No meio de irmãos, sou irmão
No meio do lixo, sou lata velha
Estou cansado de ser uma ovelha
Estou cansado, estou cansado...

MÁRIO CARVALHO

14 anos

LUTAR

De formas muito diversas
a luta em mim sobressai
mas luto com mais vontade
quando algum amigo cai.

Esta luta em que m'empenho
não é luta sem sentido
porque enquanto eu ando nú
anda o burguês bem vestido.

Sigo rumo contrário
à mentira e à traição
desde sempre militei
nas fileiras da razão.

A minha luta só cessa
quando a razão vencer
mas continuarei vigilante
para não retroceder.

Há muitos que a traição
querem à força manter
mas eles queiram ou não
a razão há-de vencer!

AMÍLCAR CARVALHO

15 anos

NÃO

É esta a vida que temos
mas não queremos
Não é este o nosso futuro
o futuro seremos nós quem o faremos
Dão-nos o pão que não querem
porque é duro!
Temos armas que não ferem
Estamos entre o abismo e o muro.

Mas uma voz se ergue do suplício:

— Fora com estes tarados
senão estamos lixados
Isto já é vício...
Quem não o combate o herda
esta vida não é vida
É MERDA!!!

AMÍLCAR CARVALHO

15 anos

1.

Estar enterrado numa fossa
até ao pescoço
não é bom.

Mas estar enterrado
e saber que se lá está
é melhor que estar-se lá
sem saber que se está enterrado
até ao pescoço.

2.

Quando não queremos não vemos
mesmo com os olhos abertos
quantas vezes estamos errados
pensando que estamos certos.

3.

Só sentimos que nos falta
o tempo
quando tudo queremos fazer
num só momento.

AMÍLCAR CARVALHO

15 anos

Ser poeta é ser artista
artista que não sente
sente a verdade e a vida
a vida que é a gente.

Ser poeta é ser hipócrita
hipócrita nunca visto
fingimento da verdade
verdade que nunca é dita.

Ser poeta é ser doente
da doença conhecida
ter remédio de curar
a cura já perdida.

Poesia é fantasia
Neste poema que recito
só fantasia existe
da dor que deveras sinto.
Poesia é fantasia.

MARIA JOÃO VILELA
17 anos

A FUGA

Vamos varrer a rua
Esta vida não é minha nem tua
vamos limpar o mundo
vamos tranquilizar as consciências
Um mundo, imundo
é uma hipérbole de carências!
Tanta porcaria!
Meu sangue está sujo
não pelo que eu faço
mas pelo que eu sinto.
O mundo é um espelho baço.
É um labirinto!
Vamos varrer a rua
o meu sangue está sujo
Esta vida não é minha nem tua.

MÁRIO CARVALHO

14 anos

De manhã,
Acordem esbeltos os campos
Sete horas da madrugada.
Pequena neblina matinal
Paralelos gastos na estrada
Um pequeno odor a Portugal

Nove horas,
O cinzento parece fumo
Lá do outro lado
O dia desperta cansado
E a vida começa a prumo.

Sete horas, fim da tarde
E o dia adormeceu
Lá ao fundo, algo arde
E esse algo serei eu.

Não quero que corrompam a natureza
De manhã bem cedo
Quero ver o verde, sem medo
Que cantem os transeuntes
Deve haver um bom caminho
Acordem esbeltos campos
Logo de manhã, bem cedo.

MÁRIO CARVALHO

14 anos

EU SOU NADA

Eu sou...

eu não sei quem sou
não sei se sou alguém
não sei se sou ninguém
apenas sei que sou um ponto
da natureza que me rodeia
apenas sei que sou a imagem
da poluição deste rio
eu talvez não seja nada
ou talvez seja tudo
eu sei que há flores
eu sou uma delas
eu sei que há espinhos
eu sou um deles
eu sei que há ribeiros
eu sou uma gota
mas eu sei que há nuvens
eu sei que elas sangram
e eu sei que elas choram
eu sei que elas querem limpar a terra
assim como eu
mas não consigo porque estou só
e só não sou nada.

MARIA ROSALINA MACEDO

15 anos

TÁBUA

1.	O REAL E O IMAGINÁRIO	9
2.	A MORTE E A VIDA	29
3.	A MINHA DEFESA	47
4.	POEMAS AO RIO CÁVADO	55
5.	O SENTIMENTO E A NATUREZA	65
6.	A IDEIA E O MUNDO	83

Colaboraram nesta antologia — com as suas composições — os seguintes alunos:

(Por ordem alfabética)

— Adélio Ferreira	16 anos
— Amílcar Carvalho	15 »
— Aníbal Ferreira	13 »
— Antero Brito	17 »
— Antero Marinho	14 »
— António Augusto	13 »
— António Barros	15 »
— António Filipe	17 »
— António Horácio	19 »
— António Oliveira	15 »
— Ascensão Faria	17 »
— Carlos Gomes	17 »
— Carlos J. Silva	14 »
— Carlos Miranda	13 »
— Deolinda Irene	15 »
— Emília Falcão	15 »
— Flávia Amaral	16 »
— Glória Ferreira	13 »
— Goretti Miranda	15 »
— Henrique Correia	15 »
— Irene de Sousa	16 »
— Isabel P. Silva	16 »
— Isabel Tendeiro	14 »
— José António Linhares	13 »
— Jorge Valdemiro	18 »
— Lucília Lourenço	15 »
— Lucinda Manuela	14 »
— Amélia Maia	15 »
— Maria Angelina	15 »
— Maria João Vilela	17 »
— Maria Manuela Alves	14 »
— Maria Olinda	17 »
— Maria Rosalina Macedo	15 »
— Mário Carvalho	14 »
— Nuno Martins	15 »
— Prazeres Carvalho	15 »
— Rosalina Ramos	15 »
— Rui Manuel	19 »
— Teresa Duarte	17 »
— Teresa Silva	16 »

NOTA — A idade indicada corresponde à idade que os alunos tinham no princípio do ano lectivo de 1977 / 1978.



9470

biblioteca
municipal
barcelos



32439

Içar a voz contra o vento